

Só economia salva São Paulo da falta de água

Fotos Paulo Liebert/AE

Do contrário, região metropolitana terá de ir longe para abastecer seus 17 milhões de habitantes

JOSÉ MARIA MAYRINK

A região metropolitana de São Paulo terá de buscar água cada vez mais longe para abastecer seus 17 milhões de habitantes, se não aprender a economizar. Técnicos e especialistas que estudam e administram os recursos hídricos da maior cidade da América do Sul divergem na busca de solução para o problema, mas todos estão de acordo que, sem uma radical mudança de hábitos do consumidor, as torneiras vão acabar secando.

"Temos três bacias problemáticas - Alto Tietê, Paraíba do Sul e Piracicaba -, das quais não conseguimos tirar mais água", diz o secretário estadual de Energia e Recursos Hídricos, Mauro Arce. Ele está preocupado com a degradação cada dia maior dos reservatórios, porque não há outras fontes disponíveis por perto. O Rio Tietê tem uma vazão de 600 metros cúbicos por segundo - dez vezes mais do que o volume necessário -, mas já chega poluído à capital.

Falta de cuidado da população, que joga esgoto e todo tipo de lixo no rio, mas também falta de sorte (ou de planejamento) de São Paulo. "Se Paris mantém o Sena limpo e se Londres conseguiu recuperar o Tâmisa, é porque essas cidades se encontram quase na foz de seus rios, enquanto nós estamos a 60 quilômetros da nascente do nosso", observa Arce.

Como a situação da Bacia do Piracicaba, que abastece Campinas, também é ruim e está piorando, São Paulo não pode recorrer a ela. Restaria então a alternativa do Paraíba do Sul, que já fornece 120 metros cúbicos por segundo à região de sua bacia.

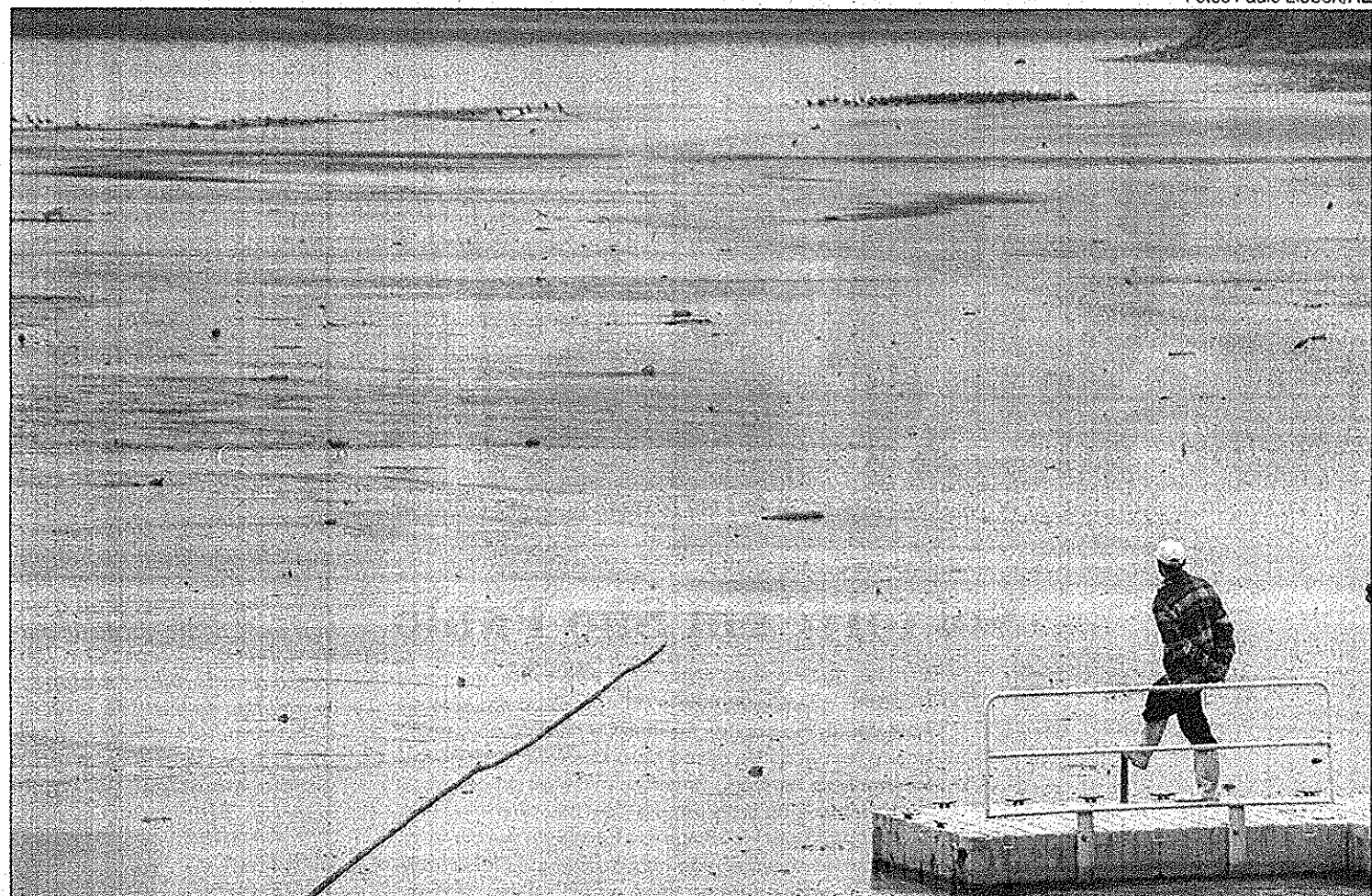
"Seria um desastre tirar mais água do Paraíba, além do que já tiramos, porque ele garante ao Rio de Janeiro 80% da água do Sistema Guandu, além de abastecer 34 cidades paulistas e algumas dos Estados do Rio e de Minas Gerais", afirma Arce, afastando essa possibilidade.

O jeito seria então beber em fontes bem mais distantes, como os rios do Vale do Ribeira, que ficam a mais de 300 quilômetros da capital. Distantes e caras.

Como os rios estão na vertente oceânica, seria preciso investir muito dinheiro no bombeamento - 800 metros, serra acima - para a água chegar à capital.

Educação - "Estamos no fio da navalha", adverte o deputado Antônio Carlos Mendes Thame (PSDB-SP), ao comparar a disponibilidade de água da região metropolitana de São Paulo - de 205 metros cúbicos por habitante/ano - com o padrão mínimo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), de 1.500 metros cúbicos. Ex-secretário estadual de Recursos Hídricos, Thame lamenta que os consumidores não tomem consciência da escassez, por acreditar que o problema não existe.

Questão de educação e cultura, "pois o brasileiro aprende na escola que o País tem a maior disponibilidade de água doce do mundo, mas não sabe que essa reserva é muito mal distribuída". Cerca de 80% da água está na Amazônia, 10% nas bacias dos grandes rios - como o São Francisco, Araguaia, Tocantins e Paraná - e outros 10%, "uma quantidade medíocre para o tamanho da população", em regiões servidas por rios menores.



Billings, com nível abaixo do normal: represa está ameaçada de secar porque ainda tem de abastecer outros reservatórios da região metropolitana

"Tenho um projeto de lei que obriga os municípios a implantar planos de racionalização do uso da água", informa Thame, defendendo restrições, fiscalização e multas para evitar o desperdício. O deputado considera um absurdo usar água tratada com flúor e cloro para lavar calçada e automóvel.

O diretor de produção e tecnologia da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), Antônio Marsiglia Netto, garante que a cultura do consumidor está mudando. "O consumo médio per capita, que era de 19,7 metros cúbicos por ligação/mês em 1995, caiu para 16,6 metros cúbicos - sinal de que a população aderiu à campanha contra o desperdício", diz Marsiglia.

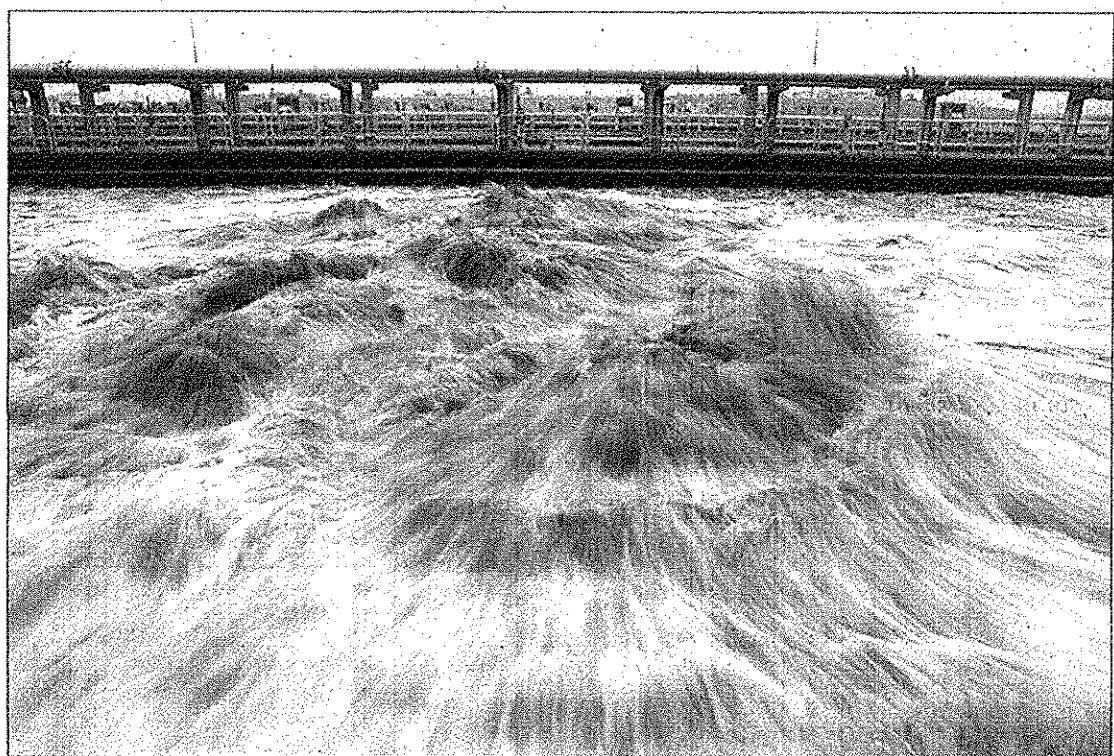
A economia se deve à adoção de práticas como fechar a torneira enquanto se escovam os dentes, reduzir o tempo do banho no chuveiro e instalar vasos sanitários planejados para gastar menos água. O consumo cai de 18 para 6 litros, quando se aciona a descarga, se for adotado um sistema redutor na válvula.

A companhia de abastecimento da Cidade do México está trocando 3,5 milhões de vasos sanitários, sem ônus para os usuários, a fim de economizar 5 mil litros por segundo, porque não tem mais de onde tirar água. "É uma medida que a Sabesp também poderá adotar no futuro, se chegar à conclusão de que esse é o caminho", adiantou Marsiglia.

A concessionária não tem como coibir os abusos, pelo menos fora dos períodos de racionamento, porque nenhuma lei proíbe lavar carros ou regar jardins com água tratada. "Seria possível armazenar água de chuva em cisternas para esse tipo de uso, mas seria preciso monitorar os depósitos, porque água parada pode desenvolver bactérias", adverte o diretor da Sabesp.

Esse risco existe também nas caixas d'água residenciais. "Essa é um ponto frágil, pois as caixas deveriam ser esvaziadas e limpas a cada seis meses", aconselha Marsiglia, alertando para a ocorrência de infecções causadas pela queda de ratos, baratas e insetos em depósitos.

Outro problema no abastecimento são os vazamentos na tubulação. "Nós consertamos de 27 mil a 32 mil vazamentos por



Estação de tratamento do ABC: esgoto doméstico e lixo são os grandes vilões na capital e interior

FECHE A TORNEIRA

- Reduza o tempo de banho e economize pelo menos seis litros de água por minuto
- Encha a banheira só até a metade
- Feche a torneira enquanto faz a barba ou escova os dentes
- Instale descargas de vaso sanitário de baixo consumo. Se a caixa-d'água for acoplada ao vaso, coloque dentro dela uma garrafa plástica cheia d'água e tampada, para diminuir o volume gasto
- Não jogue lixo no vaso sanitário
- Não dispare a descarga desnecessariamente
- Feche a torneira enquanto ensaboa a louça
- Compre modelos de máquinas de lavar roupas e louça que gastem pouca água. Prefira usar o ciclo mais curto
- Instale aeradores nas torneiras (redinhas que se encaixam no bocal)
- Lave o carro ou o quintal com balde, não com mangueira
- Chame um encanador para eliminar os vazamentos da casa

Fonte: Como cuidar da nossa água. Editora Bel

mês em nossa rede metropolitana, de 25 mil quilômetros - ou 38 mil quilômetros, somando-se os ramais", revela Marsiglia. Apesar desse cuidado, a concessionária registra uma perda de 16% a 17% da água captada, acima dos padrões internacionais, em torno de até 15%.

Parceria - Independentemente da ameaça de seca, a Secretaria de Energia e Recursos Hídricos trabalha em parceria com o Departamento de Águas e Energia Elétrica (Daee) para recuperar os rios poluídos e preservar os mananciais.

Marsiglia prevê o aproveitamento do Tietê, após a recuperação do rio, para o abastecimento público. Segundo ele, será possível reverter a água do Tietê para o Rio Pinheiros e deste para a Billings. A re-

presa está ameaçada de secar, porque, dos 14 metros cúbicos de água por segundo que recebe de seus afluentes, manda 6 metros cúbicos para a Usina Henry Borden em Cubatão, 4 metros cúbicos para a Bacia do Rio Grande e 2 metros cúbicos para a Represa de Guarapiranga.

Advertindo que não se pode permitir que venha a se repetir o que ocorre no Rio Tietê, o secretário ressalta a importância da administração por bacias, que trabalha com base em comitês formados por técnicos, agentes do governo e representantes da comunidade. O Estado de São Paulo tem 22 comitês para suas 22 bacias. A maioria com problemas.

"Na região do Rio Corumbataí, que desemboca no Piracicaba, a situação é caótica", diz a

microbióloga Sâmia Maria Tauk-Tornisiello, do Centro de Estudos Ambientais da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). A poluição vem sobretudo de esgoto doméstico. Joga-se todo tipo de lixo no leito do rio, não apenas na capital mas também no interior.

Sâmia Maria, que não acredita em campanhas do tipo "semana da água", acha que mudança de comportamento é questão de cidadania. "Você discute Amazônia na universidade, mas não sabem usar o banheiro em casa", costuma dizer a professora a seus alunos.

Se falta água na superfície, por que não se recorre então às reservas subterrâneas? O superintendente do Daee, Ricardo Daruiz Borsari, aposta nesse estoque. "São Paulo pode refinar do subsolo 33 metros cúbicos de água por segundo, ou seja, o equivalente a 33% dos 60 metros cúbicos de que a Sabesp dispõe na superfície para o abastecimento público", informa Borsari.

A água viria de poços outorgados pelo Daee, responsável pela fiscalização nessa área. A perfuração e exploração dos poços exigem atenção especial, porque há risco de desmoronamento e de contaminação. "De 12 mil poços perfurados em São Paulo, não sabemos onde estão 7.500, pois apenas 4.500 estão cadastrados", revela Borsari.

Além de reforçar o abastecimento, o subsolo funciona como reserva estratégica para a eventualidade de acidentes. A cidade de Nova York, que recebe 5,2 bilhões de litros por dia de duas adutoras de superfície, retira do subsolo uma quantidade de água equivalente a 30% desse volume.

Para geólogo, reservas são suficientes

Professor da USP denuncia "estratégia da escassez" e condena caixa d'água

O geólogo Aldo da Cunha Rebouças, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP), tem a fama de "chutar o balde" toda vez que fala sobre água - captação, qualidade e abastecimento - porque quase sempre discorda de autoridades e especialistas, ao discutir a questão.

"Temos água mais do que suficiente e, se estão anunciando mais uma crise, é porque se joga com a estratégia da escassez - anúncio de dificuldades com objetivo de conseguir recursos para investimentos", afirma. "Escassez não se combate necessariamente com obras, mas com uso mais eficiente da água."

O geólogo e professor da USP costuma interpelar pessoas que lavam calçadas ou carros com água da rede pública. Recentemente, abriu uma palestra na sede de uma associação de engenheiros protestando contra a falta de válvulas individuais nos sanitários. "Quando acionei um botão, correu água em 12 bacias", reclamou no auditório.

Rebouças questiona índices citados por técnicos do governo quando se referem às reservas disponíveis. "Os 200 metros cúbicos por habitante/ano de que São Paulo dispõe bastam, porque se trata apenas da água para uso doméstico, que corresponde a 10% do consumo total, contra 20% na indústria e 70% na agricultura."

O paulistano, calcula Rebouças, dispõe de quantidade de água três vezes superior à que chega às torneiras na França e na Alemanha. "Quando se fala que o ideal seria ter mil metros cúbicos por habitante/ano segundo a Organização Mundial da Saúde - ou 2.500 metros cúbicos, pelo padrão americano - se incluem todos os usos da água e não só o doméstico", observa.

Na opinião do geólogo, não deveria haver caixas d'água nas residências, porque a concessionária tem obrigação de garantir o abastecimento contínuo na rede. "A França, por exemplo, proíbe a instalação de caixas - embora seja francês o maior fabricante de caixas d'água de amianto vendidas aqui."

Ele também aposta na atuação dos comitês de bacia para recuperação de mananciais e melhoria do abastecimento. O geólogo estranha que o presidente da República venha prometendo fazer a transposição do Rio São Francisco, "uma interferência ilegal, porque depende dos comitês e o governo não pode prometer nada".

Uma decisão como a captação de água no Vale do Ribeira também teria de ser tomada pelos comitês. "Se empresários e autoridades estão se antecipando nessa proposta, é porque têm interesse em voltar à estratégia da escassez, para defender um projeto que custaria US\$ 12 bilhões", acredita Rebouças. Além do uso racional e eficiente da água, ele aponta as fontes mais baratas, como reservas subterrâneas, como solução para o abastecimento. (J.M.M.)